

DA IMPORTÂNCIA DE SE PUBLICAR EM LÍNGUA PORTUGUESA:

UMA RESENHA SOBRE *CINEGRAFIAS ANGOLAS* (2022)

JUSCIELE C. A. DE OLIVEIRA¹

Escrever e publicar em língua portuguesa, em qualquer lado do Atlântico (África, América e Europa), contemporaneamente é um ato de resistência estética e luta política, visto que se vive a hegemonia da língua inglesa. Por muito tempo, nos estudos literários e cinematográficos, imperou o uso de línguas impostas. Inicialmente pela prática dominante e colonialista da França, que instituiu a língua francesa como idioma oficial (e obrigatório) dos seus investimentos culturais, continuando assim a promover as identidades linguísticas dos antigos colonizadores. Depois, com a relação canônica (e quase obrigatória) de se escrever na língua inglesa.

Como destaca o escritor moçambicano Mia Couto, “Os autores africanos que não escrevem em inglês (e em especial os que escrevem em língua portuguesa) moram na periferia da periferia, lá onde a **palavra tem de lutar para não ser silêncio**” (COUTO, 2011, p. 13, grifos nosso). Neste sentido, o inglês revela seu poder de controle global não somente por imperar nos espaços da literatura, da academia e do turismo, mas também da economia, notadamente do mercado editorial, e da indústria cultural, sem falar nos eventos e como língua falada e/ou legendada nos/dos filmes, o que não seria diferente nos cinemas africanos, mesmo com uma comunidade de falantes de português de mais de 250 milhões.

E é lutando para não ser silêncio que pesquisadoras(as), escritoras(as) e cineastas fazem o esforço hercúleo de criar, publicar e realizar em língua portuguesa sobre/de culturas, literaturas e cinemas africanos. No entanto, somente em 2007, foi publicado no Brasil o primeiro livro sobre cinemas africanos em língua

1 Doutora em Comunicação, Cultura e Artes, especialista em cinemas africanos de língua oficial portuguesa, notadamente, na obra do cineasta Flora Gomes.



portuguesa *Cinema no Mundo* (5 volumes organizados por Alessandra Meleiro), a primeira edição: *Indústria, política e mercado: África*, composta de traduções importantes para os estudos da área e uma introdução e um capítulo original de Mahomed Bamba. Em 2012, mais uma vez, Mahomed Bamba e Alessandra Meleiro organizam o livro *Filmes da África e da diáspora: objeto de discursos*, com textos originais de diversos(as) pesquisadores(as). Em 2014, o livro *África: um continente no cinema*, organizado por Carolin Overhoff Ferreira, foi publicado, em formato de coletânea de textos composta por seis capítulos de tradução.²

É preciso destacar que dentre os poucos livros publicados sobre cinemas africanos recentemente em língua portuguesa, percebe-se uma predominância sobre os PALOPs – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, notadamente sobre Moçambique e Angola: *Pensando o cinema moçambicano: ensaios* (2018),³ organizado por Carmen Lúcia Tindó Secco (UFRJ); e *CineGrafias Moçambicanas: memórias & crônicas & ensaios* (2019),⁴ também organizado por Secco juntamente com Ana Mafalda Leite (Faculdade de Letras ULisboa) e o poeta moçambicano Luís Carlos Patraquim. Em 2019, publicou-se também a tradução do inglês da obra *África Lusófona: além da independência*⁵, de Fernando Arenas. Já em 2020, o ebook *Cinemas africanos contemporâneos: abordagens críticas*, organizado por Ana Camila Esteves e Jusiele Oliveira, foi disponibilizado completamente gratuito, com textos inéditos (artigos, críticas, entrevistas e traduções) sobre filmes africanos contemporâneos, que destacam filmes dos PALOPs e de mais de 20 países do continente.

Três anos após as publicações sobre cinema moçambicano, em 2022, edita-se o livro *CineGrafias angolanas: memórias e reflexões*, obra organizada por Carmen Tindó Secco (Brasil; UFRJ), Ana Paula Tavares (Angola; FLUL), Ana Mafalda Leite (Portugal; FLUL) e José Octávio Van-Dúnem (Angola; CEJES), da jovem editora Kapulana,⁶ sobre o cinema de Angola, no qual se destacam entrevistas, depoimentos, artigos e/ou ensaios de profissionais e pesquisadores do/sobre o continente africano. É uma edição relevante, sobretudo, pela sua diversidade de formatos, escritas e textos.

O livro é dividido em três partes: “Memórias” (p. 29-70), “Ensaio” (p. 71-196) e “Entrevista” (p. 197-283), acrescidas de “Apresentação” (p. 15-27), “Fontes bibliográficas sobre o cinema angolano” (p. 285-288), “Filmografia” (p. 288-297) e “Biografia dos organizadores” (p. 299-309). Na “Apresentação”, as autoras e autor destacam que um dos objetivos da publicação é “divulgar o cinema africano em língua portuguesa, ainda pouco conhecido no Brasil e em outros países” (2022, p. 15), *lutando para que estes cinemas não sejam silêncios*. É ainda neste item que falam sobre os autores, cineastas e textos, sobre o papel do cinema em Angola, demons-

2 Para maiores informações sobre publicações sobre cinemas africanos em língua portuguesa consultar: Esteves, Oliveira e Gama (2022) e Esteves e Oliveira (2020).

3 Coletânea com onze ensaios que analisam filmes e obras literárias de Moçambique. Os textos são resultado do evento “Encontro com Luís Carlos Patraquim”, durante a III Mostra de Cinema Africano, na Faculdade de Letras (UFRJ), em 2017; e do curso “Afeto, Literatura e Cinema: representações da História em obras literárias e filmes de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau”, também em 2017. Os ensaios apresentam, analisam e comparam obras cinematográficas clássicas do cinema moçambicano, como *A árvore dos antepassados* e *Virgem Margarida*, de Licínio Azevedo; *O búzio*, de Sol de Carvalho; *Ngwenya, o crocodilo*, de Isabel Noronha, além da adaptação para o cinema do livro *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, dirigida por Teresa Prata. Disponível em: <https://x.gd/xZGrH>

4 A obra traz ensaios, crônicas e entrevistas com grandes nomes do cinema de Moçambique, apresentando memórias e analisando obras consagradas de diretores moçambicanos, como Ruy Guerra, Camilo de Sousa, Licínio Azevedo, Isabel Noronha, Sol de Carvalho, João Ribeiro e Yara Costa. Os textos versam sobre a história e a produção cinematográfica e o público que frequenta os cinemas de Moçambique, com textos de estudiosos moçambicanos e também de outros países. Disponível em: <https://x.gd/FGySM>.

5 Tradução do livro *Lusophone Africa: Beyond Independence*, publicado em 2011, nos Estados Unidos.

6 A editora foi fundada em 2012 por Rosana Moraes Weg. Os seus interesses são para a publicação e divulgação de obras do Brasil e de países como Angola, Moçambique, Nigéria, Portugal, Quênia e Zimbábue. As publicações apresentam múltiplas identidades, com temas e cenários que expressem seus valores socioculturais. Para mais ver site, disponível em: <https://x.gd/c7Key>.

trando que a partir da análise política, teórica, cultural e estética é possível se ter perspectivas de investigação do cinema angolano, desde a pioneira Sarah Maldoror (1929-2020), citada em quase todas as entrevistas, até a contemporaneidade com o escritor-cineasta Ondjak e o realizador premiado por seu último longa-metragem, *Ar-Condicionado* (2020), Fradique.

Em “Memórias”, há 05 textos: (1) “Cinema angolano: ‘Angola – Ano Zero’”, de Xico Henriques; (2) “Memórias do cinema angolano da minha geração: saudades e reflexões”, de Afonso Salgado da Costa; (3) “O cinema angolano da pós-independência: um percurso”, de Óscar Gil; (4) “Filmografia, formação cinematográfica e atuação de Asdrúbal Rebelo”, de Adrúbal Rebelo; e (5) “Jorge António: filmar (em) Angola”, de Ana Paula Tavares, os quais, com imagens dos realizadores, apresentam os cineastas e suas produções, às vezes, por eles mesmos, bem como suas questões políticas, estéticas e escolhas, ou ainda como destacam as autoras e o autor: “[...] constatamos que sua vida e sua obra se realizaram e se encontram em Angola” (2022, p. 18-19).

Em “Ensaaios”, os 08 estudos: (1) “‘Os cantos de Maldoror’: cinema de libertação da ‘realizadora-romancista’ Sarah Maldoror”, de Maria do Carmo Piçarra; (2) “António Ole: a criatividade dos sentidos”, de Jorge António; (3) “O filme Carnaval da Vitória como escrita de si”, de Guilherme Rezende Machado; (4) Cinema e antropologia para além do filme etnográfico”, de Marta Lança; (5) “*Afluentes*, de Asdrúbal Rebele: uma viagem poética com António Jacinto”, de Carmen Tindó Secco; (6) “*Valeu – A trajetória de Asdrúbal Rebelo*”, de Paula Faccini de Bastos Cruz; (7) “Entre a memória e o seu apagamento: *O grande kilapy*, de Zézé Gamboa e o legado do colonialismo português”, de Katy Hunter; e (8) “A inserção irônica de *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, no filme *Na cidade vazia*, de Ganga: intertextualidade paródica e distopia”, de Beatriz de Jesus Santos Lanziero, destacam a historiografia do cinema angolano, a partir da trajetória de importantes cineastas angolanos(as) e filmes clássicos para a história do cinema.

Já em “Entrevistas”, há 12 interlocuções, “sendo 10 estruturados por perguntas e respostas entre entrevistador-entrevistados e dois elaborados como subjetivos e criativos memoriais” (2022, p. 20), com escritores, produtores e cineastas: José Manuel Nunes, Zézé Gamboa, Nguxi dos Santos, Maria João Ganga, Pocas Pascoal, Ondjaki, Fradique, Jorge Cohen, Ery Claver, Kamy Lara, Hugo Salvaterra e Tchiloia Lara, que destacam memórias e reflexões, que agrupam diferentes e diversas reações dos(as) entrevistados(as) a um questionário fixo, construído pelas organizadoras e organizador. As entrevistas destacam-se porque estimulam a compreensão argumentativa do cinema angolano, proporcionando assim uma visão geral de um determinado momento histó-

rico ou cinematográfico, bem como possibilitam uma maior compreensão dos temas, metáforas, métodos, estilo e escolhas dos(as) realizadores(as).

Assim, com o livro *CineGrafias Angolanas: memórias & reflexões*, Carmen Tindó Secco, Ana Paula Tavares, Ana Mafalda Leite e José Octávio Van-Dúnem não só escrevem em língua portuguesa, mas promovem o cinema angolano feito em língua portuguesa, como também lutam para que *a palavra e o cinema em língua portuguesa não sejam silêncios* neste mundo globalizado da “anglofilia”. Desejando que os (as) cineastas sejam interpretadas e interpeladas por perspectivas múltiplas e diversas, que buscam fugir do perigo de uma história única, destacado por Chimamanda Adichie, sobre o cinema feito em Angola.

REFERÊNCIAS

- COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In. *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.11-24.
- ESTEVES, Ana Camila; OLIVEIRA, Jusciele; GAMA, Morgana. Cinemas africanos: pesquisa e curadoria em língua portuguesa. In: CUNHA, Paulo; PENAFRIA, Manuela; CABRAL, Fernando; FERNANDES, Tiago (eds). *Cinema em português. XIV Jornadas*. Covilhã/PT: Universidade da Beira Interior, 2022, p. 165-179.
- ESTEVES, Ana Camila; OLIVEIRA, Jusciele. *Cinemas Africanos Contemporâneos - Abordagens críticas*. São Paulo: Sesc, 2020. Disponível em: https://bitly.com/cinemasafrianos_ebook.
- SECCO, Carmen Tindó; TAVARES, Ana Paula; LEITE, Ana Mafalda; VAN-DÚNEM, José Octávio Serra (orgs). *CineGrafias angolanas: memórias e reflexões*. 1. ed. São Paulo: Kapulana, 2022.